

Langoni viaja hoje aos EUA para levantar mais US\$ 3,6 bilhões

por Cláudia Safatle
de Brasília

O presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, segue hoje à noite para Washington, acompanhado de mais cinco funcionários do BC. Lá, eles manterão encontros com representantes do Tesouro norte-americano, com Paul Volcker, presidente da Reserva Federal (Fed), com dirigentes do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) — e do Banco Mundial (BIRD).

Langoni levará consigo uma cópia da carta de intenções firmada com o FMI, segundo apurou o editor Reginaldo Heller, do Rio, junto a fonte ligada ao

BC. Admite-se, inclusive, que Langoni tenha a missão de encaminhar a carta à diretoria do Fundo em Washington.

Na quinta-feira, a missão segue para Nova York, onde terá uma reunião com os 14 banqueiros que representam o comitê de assessoramento para a renegociação da dívida externa brasileira. Com eles, Langoni pretende concluir as negociações para o empréstimo de aproximadamente US\$ 3,6 bilhões — recursos que faltaram nos projetos 3 e 4 —, com os quais o governo pretende colocar seus débitos externos em dia e fechar o balanço de pagamentos deste ano.

Segundo informações de fontes do Banco Central, entretanto, quem determinará o valor exato das necessidades do País será o subcomitê de economistas, que passou quinze dias no Brasil colhendo dados para um relatório detalhado da economia do País.

O valor do empréstimo para este ano pode ser superior ao que reivindica o governo brasileiro. Este assunto foi tratado ontem entre o ministro da Fazenda, Ernane Galvás, e o principal economista do subcomitê de assessoramento. Douglas Smee.

O total de US\$ 3,6 bilhões, reconhecem fontes ouvidas pelo editor Reginaldo Heller, pode ser subestimado. Alegam essas fontes financeiras que a conta de juros é maior, com os atrasos que já somam mais de US\$ 1,8 bilhão — sem considerar os US\$ 400 milhões devidos (e prorrogados) ao Banco para Compensações Internacionais (BIS); os pagamentos da dívida não

incluídos no projeto 2, especialmente para agências oficiais de créditos e fornecedores; o menor superávit de caixa, apesar do saldo favorável da balança comercial; pagamentos de bônus brasileiros no exterior e recursos de empresas; e o maior déficit em conta corrente, por estes mesmos motivos, mas ainda pelos gastos com outros serviços não fatores.

O principal motivo da viagem, segundo um dos membros da missão consultado ontem à noite, é relatar aos banqueiros e aos organismos multilaterais os termos da negociação do acordo entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI). E, a partir desse acordo, iniciar as discussões sobre qual a estratégia de renegociação da dívida externa, ou seja, de

quanto efetivamente será o "jumbo".

Segundo o porta-voz do Banco Central, a ida da missão brasileira aos Estados Unidos já estava marcada, apenas à espera da conclusão do acordo com o FMI, praticamente concluído ontem.

Langoni, irá renegociar a dívida externa acompanhado do diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano; do chefe do Departamento de Operações Internacionais, Carlos Eduardo de Freitas; do chefe do Departamento de Fiscalização e Registro de Capitais Estrangeiros, Gilberto Nobre; do chefe do Departamento Econômico, Alberto Sozin Furuguem; e do assessor internacional do Banco Central, Celso Mancos Vieira de Souza.